

VICTOR HUGO: SOBRETUDO, POETA

Daniela Mantarro CALLIPO*

RESUMO: Victor Hugo foi um dos mais importantes escritores da Literatura Francesa. Publicou romances e peças teatrais, mas dedicou-se, sobretudo, à poesia. Pretende-se descrever o percurso poético de Victor Hugo e analisar de que maneira a história da França, a vida do escritor e as discussões acerca do Romantismo se imbricaram de modo a formar uma obra que atravessa o século.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Victor Hugo. Romantismo.

Victor Hugo escreveu uma dezena de romances inesquecíveis, dramas que propunham novas regras para o teatro, panfletos políticos ora furiosos, ora pacíficos, numerosas cartas de amor, alguns textos filosóficos e, sobretudo, milhares de versos. Versos que revelam a imbricação existente entre a vida do escritor e a história da França, entre questionamentos filosóficos, políticos e sentimentais.

Os primeiros poemas datam da adolescência: aos 13 anos compôs uma canção política intitulada “*Vive le Roi! Vive la France!*” que registra a derrota de Napoleão, chamando-o de “negro demônio da guerra”. A partir dos 14 anos, faz uma média de 30 versos por noite, praticando imitações, fábulas, charadas, compondo alexandrinos impecáveis, perfeitos, sonoros.

Em 1817, participa do concurso anual da Academia Francesa, com uma ode de 334 versos que impressiona os “Imortais” e, se não lhe possibilita obter o primeiro lugar, por causa da idade, abre-lhe as portas para o reconhecimento dos membros da Academia e lhe traz fama imediata. Hugo torna-se o *enfant sublime*, respeitado e conhecido. Aos 17 anos, vence o concurso anual da *Académie des Jeux Floraux* e, no ano seguinte, repete a proeza, sendo nomeado *Maître ès Jeux Floraux*. Começa, então, a se dedicar à poesia, publicando, entre 1819 e 1821, 22 poemas no *Conservateur Littéraire*, jornal que dirigia com o irmão Abel.

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Letras Modernas. Assis – São Paulo – Brasil. 19800-000 – callipo@assis.unesp.br

Em 1822, lança a coletânea *Odes et Poésies Diverses*, da qual foram vendidos 1.500 exemplares, o que lhe proporcionou a importante soma de 750 francos, uma fortuna para um rapaz de 20 anos. Nessas odes, há versos que comemoram o nascimento do duque de Bordeaux, pranteiam a morte do duque de Berry e também poemas que Saint-Beuve denominará “*ôdes revêuses*”, em que o jovem poeta, de ordinário austero e rígido, deixa-se levar pelo sonho e até por divagações metafísicas, prática condenada pelos críticos conservadores.

Isto quer dizer que, ao contrário do que se costuma afirmar, as *Odes* de Victor Hugo não são totalmente “clássicas”, e embora aceitasse as críticas com humildade, e refizesse alguns poemas considerados impróprios ou audaciosos, faz escolhas que já revelam a sua visão do poeta-profeta. O poema inicial do volume, “*Le Poète dans les révolutions*”, mostra que as *Odes* respeitam as tradições, mas instauram um novo olhar sobre os fatos, olhar este que seria, mais tarde, denominado *romântico*:

*Quoi! mes chants sont-ils téméraires?
Faut-il donc, en ces jours d'effroi,
Rester sourd aux cris de ses frères?
Ne souffrir jamais que pour soi?
Non, le poète sur la terre
Console, exilé volontaire,
Les tristes humains dans leurs fers;
Parmi les peuples en délire,
Il s'élançait, armé de sa lyre,
Comme Orphée au sein des enfers!* (HUGO, 1968, p.42).

O *enfant sublime* tem o espírito irrequieto, a vontade de modificar a história da Literatura Francesa. Em 1824, compõe as primeiras *Ballades*, gênero pré-clássico, abolido e execrado pelos seguidores de Boileau. Mas Hugo já estava decidido a iniciar uma revolução estética que não poderia se dissociar da revolução política: dois anos mais tarde, publica *Odes et Ballades*, sabendo que a decisão implicará em ruptura com o Classicismo. A epígrafe retirada da obra de du Bellay indica a intenção do jovem autor: “*Renouvelons ainsi toute vieille pensée*” (HUGO, 1968, p.233). Novos pensamentos e novas formas de expressá-los, pois as *Ballades* não aceitavam alexandrinos, exigem versos curtos, econômicos, ritmos variados, rimas ricas.

A nona “*Ballade*”, “*L'aven du Chatelain*”, demonstra as características acima mencionadas. Leia-se a terceira estrofe:

*Si j'étais, ô Madeleine,
L'agneau dont la blanche laine
Se démêle sous tes doigts!...
Si j'étais l'oiseau qui passe,
Et que poursuit dans l'espace
Un doux appel de ta voix!... (HUGO, 1968, p.254).*

Nas estrofes que seguem, o primeiro verso será o mesmo: “*Si j'étais, ô Madeleine*”, ou com pequena modificação: “*Si j'avais, ô Madeleine*” e as três últimas estrofes iniciam-se por “*Si tu voulais, Madeleine*”, oferecendo mais musicalidade ao poema que se assemelha, de fato, a uma canção, enquanto o eu-lírico faz pensar em um trovador. Observe-se a predominância de rimas ricas: “*Madeleine/laine*”, “*passé/espace*” e a utilização de versos de 7 sílabas, que por serem curtos, breves, trazem melodia e ritmo à *Balada*.

A prática adquirida com esse exercício de concisão, a vontade de introduzir mudanças na Literatura Francesa o levará a publicar, em 1829, *Les Orientales*. Sem preocupações políticas, religiosas ou morais, Hugo cria uma obra de *l'art pour l'art*,¹ em cujo prefácio reivindica o direito de escrever “[...] *un livre inutile de pure poésie jeté au milieu des préoccupations graves du public.*” (HUGO, 1988, p.13). Afirma ainda que tudo pode ser assunto para a poesia e não admite as intervenções dos *Aristarques*, para os quais os *limites de l'art* deveriam ser respeitados. Era uma resposta a vários filósofos daquele decênio cuja recomendação aos poetas era a de participar do esforço feito pelos intelectuais para “[...] *améliorer la condition humaine et de mettre leur parole au service du progrès social.*” (VAN THIEGUEM, 1957, p.235).

O célebre poema “*Sara, la baigneuse*”, por exemplo, narra a preguiça de uma camponesa que, ao invés de trabalhar na colheita, balança-se em uma rede, enquanto sonha com a vida no palácio, rodeada de luxo, seda e perfumes exóticos:

*Sara, belle d'indolence,
Se balance
Dans un hamac, au dessus
Du bassin d'une fontaine
Toute pleine
D'eau puisée à l'Ilyssus (HUGO, 1988, p.103).*

¹ Com o passar dos anos, Victor Hugo, que afirma ter criado a expressão «*l'art pour l'art*», rejeita a arte descompromissada e se torna um dos precursores da arte engajada.

A natureza acompanha os movimentos da moça: a água que lhe escorre pelo corpo cai gota a gota; seu olhar é como a estrela que brilha no fundo de um céu azul; sua camisa balança ao vento sobre o galho de um verde arbusto. Tudo se move lenta e preguiçosamente. A atmosfera idílica, porém, é desfeita ao surgirem as companheiras de Sara, de volta da colheita: indignadas com a ausência da indolente «*baigneuse*», reprovam seu comportamento:

*Chacune, en chantant comme elle,
Passe, et mêle
Ce reproche à sa chanson:
- Oh! la paresseuse fille
Qui s'habille
Si tard un jour de moisson!* (HUGO, 1988, p.107).

A coletânea *Les Orientales* foi acusada de “materialista”, “descritiva”, sem preocupações filosóficas, espirituais. Mas Bernard Degout vê muitas outras características na obra, e afirma que a descrição não remete apenas à paisagem, mas também à alma do poeta:

L'altérité, sans doute discutable, de l'orientalisme composite qui impregne l'époque n'en aura pas moins été suffisante pour constituer en point de fuite un creuset où s'interpénètrent l'extérieur et l'intérieur, les grands registres de l'histoire, de la religion, de la politique, des questions littéraires et ceux de l'amour d'Adèle, des souvenirs d'Espagne, d'une douleur, enfin, peut-être muette jusqu'alors. Dans ce creuset continue de se façonner en s'effectuant le remarquable décalage par lequel, employant les mêmes mots que ses contemporains, Hugo dit si souvent autre chose qu'eux. (DEGOUT, 2002, p.26).

Com *Les Orientales*, composto dois anos depois da peça *Cromwell*, cujo célebre prefácio se tornaria manifesto romântico, Hugo passa a ser o *enfant terrible* da Literatura Francesa, recusando-se a aceitar os limites da arte, afirmando ser a poesia um grande jardim, onde nenhum fruto é proibido.

O jovem poeta começa a desenhar os primeiros contornos do lirismo romântico, introduzindo formas populares, misturando elementos heterogêneos como o grotesco e o sublime, buscando outros temas e diferentes modos de explorá-los:

Qu'un vers ait une bonne forme, cela n'est pas tout; il faut absolument, pour qu'il y ait parfum, couleur et saveur, qu'il contienne une idée, une image ou un sentiment. L'abeille construit artistement les six pans de son alvéole de cire, et puis elle l'emplit de miel. L'alvéole, c'est le vers; le miel, c'est la poésie. (HUGO, 1988, p.189).

Em 1830, a célebre batalha do *Hernani* elevou Victor Hugo a chefe da escola romântica. O mesmo ano assistiu, porém, à sangrenta revolução de três dias (*Les Trois Glorieuses*), que levou ao exílio de Carlos X e à coroação de Luís Felipe. A Monarquia de Julho levou à instabilidade política da França, mas não será esse o tema abordado em 1831, na obra *Les Feuilles d'Automne*. O poeta prefere criar versos serenos e pacíficos, “*des vers de l'intérieur de l'âme*”. Ao mesmo tempo, começa a elaborar a imagem do poeta sublime, sagrado, cuja voz deve ser ouvida, cuja alma deve se integrar à Criação. Nessa coletânea, o autobiográfico e célebre “*Ce siècle avait deux ans*” insere o poeta na história francesa:

*Ce siècle avait deux ans! Rome remplaçait Sparte,
Déjà Napoléon perçait sous Bonaparte,
Et du premier consul, déjà, par maint endroit,
le front de l'empereur brisait le masque étroit.
Alors dans Besançon, vieille ville espagnole,
Jeté comme la graine au gré de l'air qui vole,
Naquit d'un sang breton et lorrain à la fois
Un enfant sans couleur, sans regard et sans voix;
Si débile qu'il fut, ainsi qu'une chimère,
Abandonné de tous, excepté de sa mère,
Et que son cou ployé comme un frêle roseau
Fût faire en même temps sa bière et son berceau.
Cet enfant que la vie effaçait de son livre,
Et qui n'avait pas même un lendemain à vivre,
C'est moi. – (HUGO, 1988, p.191).*

E apresenta a ideia do poeta que se coloca no centro do mundo como um “*écho sonore*”, que amplifica todos os sons que ouve:

*C'est que l'amour, la tombe, et la gloire, et la vie,
L'onde qui fuit, par l'onde incessamment suivie,
Tout souffle, tout rayon, ou propice, ou fatal,
Fait reluire et vibrer mon âme de cristal,
Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un écho sonore! (HUGO, 1988, p.193).*

Após as inovações das *Ballades* e das *Orientales*, Hugo compõe sua autobiografia em versos alexandrinos perfeitos, respeitando até mesmo a cesura interna. Porque o poeta de 29 anos decide usufruir da liberdade poética que apregoava e percebe que a métrica auxilia na expressão de seus pensamentos e de

suas emoções. Versos breves trazem ritmo e musicalidade, mas os alexandrinos oferecem o tempo de leitura mais lento, aproximam a poesia do *récit*. E uma autobiografia não é para ser cantada, mas lida. Desse modo, Hugo afirma que tudo “*a droit de cité en poésie*”, até mesmo clássicas formas de expressão.

Aos 33 anos, o homem maduro, que assiste às transformações políticas de seu país, torna-se um poeta respeitável. Em 1835, publica *Les Chants du Crépuscule*. O título, melancólico, remete ainda uma vez a esses sons que o poeta ouve, a essas estranhas canções compostas de ruídos diversos e discordantes. Ele se faz eco dessas canções, um eco “*triste et calme*”. Mas nesse momento crepuscular, não repete todos os sons que ouve, escolhe alguns, rejeita outros, opõe sua voz solitária ao tumulto que se lhe apresenta. Esses “cantos do crepúsculo” serão “*l’harmonie immense qui dit tout*”:

*Le poète, en ses chants où l’amertume abonde,
Réflétait, écho triste et calme cependant,
Tout ce que l’âme rêve et tout ce que le monde
Chante, bégaie ou dit dans l’ombre en attendant!* (HUGO, 1970, p.24).

O eu-lírico não esconde suas dúvidas, preocupações, tristezas. Essa poesia intimista em nada lembra os versos fortes de “*Fonction du poète*”, ou os descompromissados de “*Sara la baigneuse*”. Em “*Que nous avons le doute en nous!*”, o poeta confessa:

*Je vous dirai qu’en moi je porte un ennemi,
Le doute, qui m’emmène errer dans le bois sombre,
Spectre myope et sourd, qui, fait de jour et d’ombre,
Montre et cache à la fois toute chose à dem!* (HUGO, 1970, p.123).

A dúvida o acompanha, mas persiste o desejo de guiar. Em “*Ob! n’insultez jamais une femme qui tombe!*”, aborda o tema da mulher prostituída que não teve alternativas a não ser sucumbir diante da miséria: O vate pede compreensão para essas “*femmes brisées*” e condena o homem rico, cujo dinheiro as corrompe. Ele conclui ser possível a redenção dessas mulheres:

*Cette fange d’ailleurs contient l’eau pure encor.
Pour que la goutte d’eau sorte de la poussière,
Et redevienne perle en sa splendeur première,
Il suffit, c’est ainsi que tout remonte au jour,
D’un rayon de soleil ou d’un rayon d’amour!* (HUGO, 1970, p.123).

A obra condensa, portanto, reflexões íntimas e a descrição de problemas sociais. O momento “crepuscular” por que passa o poeta agrava-se nos anos que se seguem.

Em 1837, Eugène Hugo, irmão de Victor, morre em um hospício. O companheiro da infância, com quem explorava o jardim de Feuillantines, se despede da vida melancolicamente. Hugo publica, no mesmo ano, *Les Voix intérieures* coletânea intimista, em que busca a identidade e a função da poesia, e tenta impor a voz que fala por todos, pelos esquecidos, pelos fracos, pelo rei morto no exílio, pela natureza emudecida diante do barulho dos canhões, barulho desprovido de sentido, barulho do século.

No prefácio, reafirma suas convicções a respeito da missão do poeta, quer seja a de “[...] *fondre dans un même groupe de chants cette triple parole qui renfeme un triple enseignement, car la première s’adresse plus particulièrement au coeur, la seconde à l’âme, la troisième à l’esprit.*” (HUGO, 1970, p. 130).

Em “*Sunt Lacrymae Rerum*”, conclama os poetas, “pastores do espírito”, a guiar os reis e os povos, em seus deveres e em seus direitos:

*Nous, pasteurs des esprits qui, du bord du chemin,
Regardons tous les pas que fait le genre humain,
Poètes, par nos chants, penseurs, par nos idées,
Hâtons vers la raison les âmes attardées!
Hâtons l’ère où viendront s’unir d’un noeud loyal
Le travail populaire et le labeur royal;
Où colère et puissance auront fait leur divorce;
Où tous ceux qui sont forts auront peur de leur force,
Et d’un saint tremblement frémiront à la fois,
Rois, devant leurs devoirs, peuples, devant leurs droits!* (HUGO, 1970, p.146).

Mais um poema escrito em versos alexandrinos, poema longo, repleto de exclamações e interrogações, construído como um discurso dividido em dez cantos. O eu-lírico se faz ouvir diante de tantas outras vozes e a poesia busca refúgio no “céu eterno e puro”. Apesar da “poeira dos caminhos vis” percorridos pelos homens, ela se mantém intacta e pura.

Em 1840, lança *Les Rayons et les Ombres*. Suas reflexões poéticas estão concluídas. O prefácio da coletânea assemelha-se àquele escrito em 1827 a respeito das novas regras do teatro. Agora, tratava-se de poesia. Ele procura explicar qual é sua noção de poeta, de que modo ele deve agir, pensar, escrever, para se tornar completo. Em primeiro lugar, teria de ser livre para se expressar,

mas não deveria pertencer a nenhum partido político: “*nul engagement, nulle chaîne*”. Nada o perturbaria em sua profunda e austera contemplação, nem mesmo “[...] *la commotion intérieure de ses propres souffrances personnelles, car à travers ce qui se déchire en nous on entrevoit Dieu et, quand il aurait pleuré, il méditerait.*” (HUGO, 1970, p.237).

Para o autor, todo poeta deve ser um artista civilizador, realizar um trabalho de filosofia e harmonia, conter a soma das ideias de seu tempo. Em “*Fonction du poète*”, retoma esses princípios e desenvolve-os. O poeta é um visionário que ilumina o caminho do povo com seu conhecimento:

*Le poète en des jours impies
Vient préparer des jours meilleurs.
Il est homme des utopies!
Les pieds ici, les yeux ailleurs.
C'est lui qui sur toutes les têtes,
En tout temps, pareil aux prophètes,
Dans sa main, où tout peut tenir,
Doit, qu'on l'insulte ou qu'on le loue,
Comme une torche qu'il secoue,
Faire flamboyer l'avenir!* (HUGO, 1970, p.241).

É o sonhador sagrado, que tem a fronte iluminada. Deus fala com ele, pois é profeta:

*Peuples! écoutez le poète!
Écoutez le rêveur sacré!
Dans votre nuit, sans lui complète,
Lui seul a le front éclairé!
Des temps futurs perçant les ombres,
Lui seul distingue en leurs flancs sombres
Le germe qui n'est pas éclos.
Homme, il est doux comme une femme.
Dieu parle à voix basse à son âme
Comme aux forêts et comme aux flots!* (HUGO, 1970, p.243).

Esta série revela o percurso do poeta: um momento crepuscular, tanto da história da França como de sua vida pessoal. As sombras o fazem voltar-se para si mesmo, a fim de escutar as vozes que falam com ele. O final desse percurso, indica a dualidade da existência, feita de luz e escuridão. O poeta, que segura uma tocha na mão, será responsável pelos “*rayons*”; a ignorância, pelas “*ombres*”.

Em 1843, a morte trágica e acidental de sua filha Léopoldine, leva o poeta Hugo ao silêncio. São dez longos anos em que a Musa o deixa repousar, discreta e compreensiva.

Nesse período, escreve *quatrains* provocativos em seu diário, cria *calembours* de gosto duvidoso, chega mesmo a compor alguns versos mais alegres, mas não expõe seus sentimentos. Será necessário esperar o *coup d'État* de Louis Napoléon e o exílio em Jersey, para que a indignação o faça compor *Les Châtiments*. Após o espantoso sucesso de *Napoléon-le-Petit*, Hugo almejava fazer seu equivalente em verso: “Louis Bonaparte só foi cozinhado de um lado, disse ao amigo e editor em Bruxelas, Pierre-Jules Hetzel. É hora de virá-lo na grelha” (apud ROBB, 2000, p. 311). Em 1853, portanto, a obra é lançada como um manifesto contra a tirania, tornando-se “[...] o livro de poesia mais popular nas gerações de estudantes secundários que incluíram Zola, Verlaine e Rimbaud.” (apud ROBB, 2000, p. 314). No poema “*Ce que se disait le poète en 1848*”, Hugo reafirma a função do poeta descrita em *Les Rayons et les Ombres*, como aquele que se distancia das discussões políticas, da vaidade humana, para observar, refletir, e guiar o povo:

*Tu ne dois pas chercher le pouvoir, tu dois faire
Ton œuvre ailleurs ; tu dois, esprit d'une autre sphère,
Devant l'occasion reculer chastement.
De la pensée en deuil doux et sévère amant,
Compris ou dédaigné des hommes, tu dois être
Pâtre pour les garder et pour les bénir prêtre.
Lorsque les citoyens, par la misère aigris,
Fils de la même France et du même Paris,
S'égorgent ; quand, sinistre, et soudain apparue,
La morne barricade au coin de chaque rue
Monte et vomit la mort de partout à la fois,
Tu dois y courir seul et désarmé ; tu dois
Dans cette guerre impie, abominable, infâme,
Présenter ta poitrine et répandre ton âme,
Parler, prier, sauver les faibles et les forts,
Sourire à la mitraille et pleurer sur les morts ;
Puis remonter tranquille à ta place isolée,
Et là, défendre, au sein de l'ardente assemblée,
Et ceux qu'on veut proscrire et ceux qu'on croit juger,
Renverser l'échafaud, servir et protéger
L'ordre et la paix, qu'ébranle un parti téméraire,
Nos soldats trop aisés à tromper, et ton frère,*

*Le pauvre homme du peuple aux cabanons jeté,
Et les lois, et la triste et fière liberté ;
Consoler dans ces jours d'anxiété funeste,
L'art divin qui frissonne et pleure, et pour le reste
Attendre le moment suprême et décisif.*

Ton rôle est d'avertir et de rester pensif.

Paris, juillet 1848. (HUGO, 1998, p.168).

Observe-se a maestria de Hugo ao unir forma e conteúdo: o último verso, deslocado, remete à solidão do poeta, que deve se distanciar para melhor refletir, observar e, então, advertir.

Em 1856, já em Guernesey, Hugo decide publicar os 11 mil versos que compunham *Les Contemplations*. Como se tratava de um livro de “pura poesia”, sem nenhum comentário político, a coletânea foi lançada na França.

No prefácio, Hugo (1995, p.25) apresenta os 158 poemas inéditos: “*Qu’est-ce que les Contemplations? C’est ce qu’on pourrait appeler, si le mot n’avait quelque prétention, les Mémoires d’une âme*”. A coletânea divide-se em duas partes intituladas “*Autrefois*”, que compreende o período de 1830 a 1843, e “*Aujourd’hui*” que se inicia em 1843 e termina em 1856. No centro desses dois períodos, “*un abîme les sépare, le tombeau*”, ou seja, a morte trágica de Léopoldine. Wurtz (1998) afirma ser a coletânea apresentada como autobiográfica e, de fato, contém vários elementos da vida de Hugo, retomados pelas lembranças da infância, da adolescência, e, mais tarde, do exílio em Guernesey. Mas, ainda de acordo com a pesquisadora, a partir do momento em que Hugo afirma ser o livro “*la vie d’un homme*” e “*la vie des autres hommes aussi*”, visto que ao falar de si mesmo, fala de todos, o poeta cria uma autobiografia original, porque trata tanto da construção da individualidade do autor, quanto do leitor, que é convidado a participar dessa construção, por meio do diálogo estabelecido com o eu-lírico.

Na coletânea, destaca-se o belíssimo “*A Villequier*”, poema escrito em 1847 que faz parte do livro quarto, *Pauca Mea*, no qual Victor Hugo pranteia a morte da filha Léopoldine e do genro, afogados no Sena em setembro de 1843, poucos meses depois do festejado matrimônio. Para desespero de Hugo, o enterro foi feito sem sua presença, pois viajava de férias com Juliette Drouet, quando tomou conhecimento da catástrofe pelos jornais. Era tarde para retornar a Paris e os corpos dos recém-casados já estavam enterrados no cemitério que dará título ao poema quatro anos depois da tragédia.

Em “*A Villequier*”, o eu lírico penitencia-se diante do Deus que ele repudiara ao ver morto um ente querido, tão radiante, “*petit être joyeux, si beau, qu’on a cru voir s’ouvrir à son entrée une porte des cieux*”. (HUGO, 1995, p.212). O poeta sente-se em paz ao contemplar a grande natureza, emociona-se diante do tranquilo horizonte e da imensidão divina e tenta compreender a vontade do Criador, conformando-se com as lágrimas e as perdas impostas:

*Je conviens qu’il est bon, je conviens qu’il est juste
Que mon coeur ait saigné, puisque Dieu l’a voulu!
Je ne résiste plus à tout ce qui m’arrive
Par votre volonté
L’âme de deuils en deuils, l’homme de rive en rive,
Roule à l’éternité.* (HUGO, 1995, p.212).

Humilde, ele percebe ser um átomo diante da sombra infinita e curva-se diante dos acontecimentos. Aceita a harmonia feita de lágrimas e cantos e reconhece serem diferentes os sentimentos dos homens e de Deus diante dos fatos:

*Je sais que vous avez bien autre chose à faire
Que de nous plaindre tous,
Et qu’un enfant qui meurt, désespoir de sa mère,
Ne vous fait rien, à vous!
Que la création est une grande roue
Qui ne peut se mouvoir sans écraser quelqu’un;
Les mois, les jours, les flots des mers, les yeux qui pleurent,
Passent sous le ciel bleu;
Il faut que l’herbe pousse et que les enfants meurent;
Je le sais, ô mon Dieu!* (HUGO, 1995, p.212-213).

O pai chora a morte da filha e tenta elevar os olhos ao firmamento, na busca de respostas e consolo. Compreende haver uma vontade superior à sua e tenta aceitá-la; seu coração está submisso, “*mais pas résigné*”.

Segundo Robb (2000), foi “o maior sucesso comercial de Hugo” em seu país, as livrarias foram “inundadas por fregueses entusiasmados” e em três dias esgotou-se a primeira edição.

Em 1859, Hugo publica a primeira série de *La Légende des Siècles*, obra gigantesca, cuja edição completa será publicada somente em 1883. Na primeira parte, o poeta busca contar a história do mundo em 9 mil versos,

divididos em 15 partes, começando por Eva, passando pela decadência de Roma, o período cristão e o Renascimento. A série final da “epopeia” hugoana foi publicada dois anos antes de sua morte. Dessa vez, remete a Dante, Átila e Napoleão III. Descreve as sete Maravilhas do mundo, os grandes fatos históricos da civilização moderna, criando “o evangelho terrestre do Progresso”. Mas esse progresso não pode ser compreendido somente pela modernização da indústria. O Progresso, para Hugo, também deve ser moral e espiritual.

Entre a primeira série e a última, publicada em 1883, localiza-se a segunda, lançada em 1877. Nessa obra, são inseridas a Grécia e a Índia e vários poemas remetem aos tempos modernos. As três séries que compõem a *Légende des Siècles* formam um poema épico, o único, na visão de Baudelaire, criado por um homem de seu tempo, para os leitores de seu tempo.

Em “*Tout le passé et tout l’avenir*”, o poeta é descrito como um homem que contém um mundo:

*Alors, de cette foule invisible entouré,
Pour la création le poète est sacré.
L’herbe est pour lui plus molle et la grotte plus douce;
Pan fait plus de silence en marchant sur la mousse;
La nature, voyant son grand enfant distrait,
Veille sur lui;* (HUGO, 2002, p. 476).

Em 1865, *La chanson des rues et des bois* trouxe 78 poemas que, como o próprio título indicava, eram “canções” de versos curtos e ritmados, versos de seis, sete ou oito sílabas que celebravam o amor, a natureza, a alegria. Para os críticos mais severos, esses poemas hugoanos não podiam ser chamados de canções, porque não respeitavam as exigências formais desse tipo de composição.

Veja-se o exemplo da última estrofe de “*Ordre du Jour de Floréal*”; não há refrões, mas há ritmo e musicalidade:

*O feuillage, tu m’attires;
Un dieu t’habite; et je crois
Que la danse des satyres
Tourne encore au fond des bois* (HUGO, 1982, p.47).

Os críticos já deviam saber, a essa altura, que Hugo não obedecia às exigências formais ditadas pelos estudiosos. Chamam-se canções, porque são leves, populares, ritmadas. Hugo desejava ser lido pelo povo, a quem só

eram destinadas as obras de Béranger, compositor cuja obra qualificava como medíocre.

Entretanto, a história da França, mais uma vez, iria influenciar a produção poética de Victor Hugo. E as canções descompromissadas dariam lugar a versos grandiosos.

Em 1870, a França declarou guerra à Prússia. O otimismo inicial deu lugar à perplexidade diante de derrota após derrota, e da perda da Alsácia e da Lorena para o exército inimigo. Em agosto daquele mesmo ano, Napoleão III capitulou e o exército francês rendeu-se em Sedan. Victor Hugo voltou à França depois de 19 anos de exílio. Uma multidão o acompanhou, recitando trechos de seus poemas, cantando a *Marselhesa*. Levou duas horas para percorrer pouco mais de um quilômetro. Dois anos depois do retorno a seu país, publicou *L'Année terrible*, registro dos episódios sangrentos ocorridos entre 1870 e 1871:

*Dans ces pages de deuil, de bataille et d'effroi,
Si la clameur d'angoisse éclata malgré moi,
Si j'ai laissé tomber le mot de la souffrance,
Une négation quelconque d'espérance,
J'efface ce sanglot obscur qui se perdit;
Ce mot, je le rature et je ne l'ai pas dit* (HUGO, 2002, p.215).

Foram vendidos 1.600 exemplares da obra na manhã em que foi publicada, ou seja, toda a primeira edição esgotou-se em poucas horas.

Em 1877, Victor Hugo escreve seus últimos poemas. A congestão cerebral que sofrerá no ano seguinte o impedirá de continuar a trabalhar. Aos 75 anos, portanto, publica 68 poemas sob o título de *L'art d'être grand-père*, obra dedicada aos netos Georges e Jeanne, filhos de Charles Hugo, já falecido.

A “arte” de ser avô se constituiria, segundo o poeta, em “obedecer” aos netos e ouvir suas vozes, seus murmúrios, vagos e indistintos: “*Le babil des marmots est ma bibliothèque*”. Mas é preciso não se deixar enganar pela aparente infantilidade dos temas abordados. O “*Poème du Jardin des Plantes*”, por exemplo, faz referências à Bíblia, a La Fontaine, a Homero e a Racine:

*Les bêtes, cela parle; et Dupont de Nemours
Les comprend, chants et cris, gaîté, colère, amours.
C'est dans Perrault un fait, dans Homère un prodige;
Phèdre prend leur parole au vol et la rédige;
La Fontaine, dans l'herbe épaisse et le genêt*

*Rôdait, guettant, rêvant, et les espionnait;
Esope, ce songeur bossu comme le Pinde,
Les entendait en Grèce, et Pilpai dans l'Inde;
Les clairs étangs le soir offraient leurs noirs jargons
A monsieur Florian, officier des dragons;
Et l'âpre Ézequiel, l'affreux prophète chauve,
Homme fauve, écoutait parler la bête fauve.* (HUGO, 1985, p.58).

É preciso estar atento para todos os sentidos que os poemas podem adquirir, pois tanto podem ser alegóricos, quanto morais. E há ainda, uma reflexão a respeito do passado: diante das crianças, o avô se questiona acerca de seus atos, de suas escolhas, de seus posicionamentos:

*Un jour je fus parmi les vainqueurs, j'étouffais;
Je sentais à quel point vaincre est impitoyable;
Je pris la fuite. Un roc, une plage de sable
M'accueillirent... (HUGO, 1985, p.143).*

E sonha com o futuro:

*Je rêve l'équité, la vérité profonde,
L'amour qui veut, l'espoir qui luit, la foi qui fonde,
Et le peuple éclairé plutôt que châtié.
Je rêve la douceur, la bonté, la pitié,
Et le vaste pardon. De là ma solitude.* (HUGO, 1985, p.159).

Em *L'art d'être grand-père*, o poeta rememora o exílio, as vitórias, as derrotas. Compreende que a solidão é necessária ao vate: ela permite que ele veja a verdade profunda, contemple e reflita. Os últimos versos que Hugo compõe estão repletos de misticismo, e da compreensão que a elevação do espírito não exclui brincadeiras infantis.

Entre 1878 e 1880, Victor Hugo lança 4 livros de poemas que versam sobre religião: *Le Pape*, *La Pitié Suprême*, *Religions et Religion*, e *L'Âne*. Trata-se da tetralogia filosófica hugoana que tem por objetivo “*rendre Dieu respirable aux hommes*”, mostrar ao pobre e ao miserável, que é possível acreditar em Deus, e que por detrás do sofrimento aparentemente ilógico, existe uma razão para a dor. Na verdade, os biógrafos de Hugo notam que vários dos poemas que compõem a tetralogia estavam escritos havia mais de vinte anos. E observam que, após a congestão cerebral, ele passou a publicar muitos versos que estavam “guardados na gaveta”. Mas também é verdade que, seja por causa da idade, seja por causa

do susto provocado pela doença, Deus começou a fazer parte das reflexões do escritor. Um Deus que está acima da religião:

*Toute religion, homme, est un exemplaire
De l'impuissance ayant pour appui sa colère*

*Toute religion est un avortement
Du rêve humain devant l'être et le firmament;
Le dogme, quel qu'il soit, juif ou grec, rapetisse
A sa taille le vrai, l'idéal, la justice,
La lumière, l'azur, l'abîme, l'unité (HUGO, 2002, p.997).*

Um ano depois, Hugo publica *Les Quatre vents de l'esprit*. Todos os poemas reunidos sob esse título haviam sido escritos antes de 1875. O livro é dividido em “Livro satírico”, “Livro dramático”, “Livro Épico” e “Livro Lírico”. O poeta explica que a alma, como o céu, tem quatro sopros dentro dela, tem seus pólos, seus pontos cardeais. E ele, ao abrir seus registros, muda de tom como o vento, pois é uno e diverso. Oferece, então aos leitores, sua última definição de poeta:

*Le poète est pasteur, juge, prophète, apôtre;
En quatre pas, il peut aller d'un bout à l'autre
De l'art sublime, ainsi que vous de l'horizon;
E comme vous, s'il est terrible, il a raison;
Sa sagesse et la vôtre ont un air de délire.*

L'ombre a tout l'ouragan, l'âme a toute la lyre. (HUGO, 2002, p.1116).

Pretendeu-se mostrar como a poesia era fundamental para Victor Hugo. Criar versos era quase espontâneo, ou, talvez, uma obrigação ditada pelas musas. Em “*Insomnie*”, o eu-írico descreve a dificuldade que encontra para dormir: a musa o visita de madrugada, acorda-o e diz-lhe: “*Allons, c'est moi! Travaillons!*” (HUGO, 1970, p.152). Como um escravo, um prisioneiro, ele se rende: “*Nul moyen de lutter*” e surgem os dramas, os romances e “*l'ode qui s'enfonce en deux profonds chemins*”. Os cadernos de Victor Hugo confirmam essas “visitas noturnas”, e ele anota todos os versos feitos enquanto “dormia”:

Se as obras poéticas mais célebres são retomadas aqui, deixam-se de lado as peças em versos, porque pertencem a outro gênero literário. Mas como não se impressionar com os mil e setecentos alexandrinos que compõem os cinco atos de *Le Roi s'amuse*? E quantas páginas de *Les Misérables* são absolutamente

poéticas? Veja-se a descrição de Fantine, mãe de Cosette, que morre na miséria, depois de vender seu corpo, seus dentes, seus cabelos, para sustentar a filha:

Qu'est-ce que c'est que cette histoire de Fantine? C'est la société achetant une esclave.

A qui? A la misère.

A la faim, au froid, à l'isolement, à l'abandon, au dénuement. Marché douloureux. Une âme pour un morceau de pain. La misère offre, la société accepte.

La sainte loi de Jésus-Christ gouverne notre civilisation, mais elle ne la pénètre pas encore; on dit que l'esclavage a disparu de la civilisation européenne. C'est une erreur. Il existe toujours; mais il ne pèse plus que sur la femme, et il s'appelle prostitution. (HUGO, 1967, p.216).

Segundo Hovasse (2011), não havia diferença para Victor Hugo se ele escrevia prosa ou poesia, a facilidade era a mesma:

Hugo travaille également les six, les sept, les huit, les dix ou les douze pans de son vers alvéole alors que ses contemporains, et pas toujours les plus mineurs, se limitaient trop souvent à limer leurs rimes. A ses yeux, la rime ne prime pas: il la considère tout au plus comme un diapason qui donne le la pour accorder le reste du vers, un élément stratégique, comme les créneaux, mais nullement essentiel comme un donjon. La conséquence extrême de cette attitude, mise en évidence par Henri Meschonnic dans ses études sur Victor Hugo, c'est qu'il n'y a paradoxalement pas de différence profonde entre ses vers et sa prose: on comprend maintenant sans peine que l'auteur du Roi s'amuse et de Lucrèce Borgia écrivait à la même vitesse d'une façon ou d'une autre, et pouvait très sincèrement s'étonner quand on lui parlait des "difficultés de la rime".

Victor Hugo compôs vinte volumes de poesia. Mas em suas peças, em seus romances, em suas cartas, em seus discursos, foi poeta.

Durante toda a vida, exprimiu sua tristeza, sua indignação, seus temores, suas dúvidas por meio da poesia.

Na madrugada em que começou a agonizar, definiu a passagem para a morte com uma antítese: "*C'est ici le combat du jour et de la nuit*". (ROBB, 2000, p.478).

Foi seu último alexandrino perfeito.



Victor Hugo: especially a poet

ABSTRACT: *Victor Hugo was one of the most important writers of the French literature. He published novels and plays, but he dedicated himself especially to the poetry. This article aims to describe the poetic journey of Victor Hugo and analyses how the History of France, the life of the writer and the discussions about Romanticism combined and formed a work that traverses the century.*

KEYWORDS: *Poetry. Victor Hugo. Romanticism.*

REFERÊNCIAS

DEGOUT, B. **L'Orient dans les Orientales**. Paris, 2002. Disponível em: <<http://groupugo.div.jussieu.fr>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

HOVASSE, J.-M. **Hugo, créateur par la rime?** Disponível em: <<http://www.groupugo.div.jussieu.fr>>. Acesso em: 20 abr. 2011.

HUGO, V. **Oeuvres complètes**. Paris: R. Bouffont, 2002. (Poésie, 3).

_____. **Les chatiments**. Paris: Librairie Générale Française, 1998.

_____. **Les contemplations**. Paris: GF Flammarion, 1995.

_____. **Les orientales: les feuilles d'automne**. Paris: Gallimard, 1988.

_____. **L'art d'être grand-père**. Paris: Gallimard, 1985.

_____. **Les Chansons des rues et des bois**. Paris: Gallimard, 1982.

_____. **Les chants du crépuscule, les voix intérieures, les rayons et les ombres**. Paris: Gallimard, 1970.

_____. **Odes et ballades: les orientales**. Paris: GF Flammarion, 1968.

_____. **Les misérables**. Paris: Gallimard, 1967.

ROBB, G. **Victor Hugo, uma biografia**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAN THIEGUEM, P. **Petite histoire des grandes doctrines littéraires en France**. Paris: PUF, 1957.

WURTZ, L. C. **Du romantisme au surréalisme: statuts et enjeux du récit poétique**. Etudes réunies par A. Montandon. Clermont-Ferrand: Université Blaise-Pascal, 1998.

Daniela Mantarro Callipo

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

HUGO, V. **Choses vues**. Paris: Gallimard, 1972.

_____. **La légende des siècles**. Paris: Gallimard, 1957.